



EDITORIAL

DST/AIDS E DROGAS Associação Cada dia mais Frequente

Recentemente, como encarte do Boletim Epidemiológico AIDS, o Ministério da Saúde iniciou a publicação de "Uso Indevido de Drogas e DST/AIDS". Esse fato merece destaque, uma vez que mostra a preocupação dos agentes de saúde pública em deter esta associação. Hoje em dia é reconhecido o aumento de consumo de drogas em nossa sociedade, por pessoas de todas as classes sociais de ambos os sexos, com início de consumo em idades cada vez mais precoces. Recentemente um documentário da televisão mostrou o consumo de drogas não apenas entre adolescentes, mas também entre crianças menores de dez anos.

Embora a grande preocupação do uso de drogas em relação a DST, esteja ligada a AIDS e a Hepatite B, que podem ser adquiridas pelo uso de drogas injetáveis quando as seringas são compartilhadas, os usuários de drogas assumem comportamentos de risco que as tornam suscetíveis também a contrair outras DST.

Quanto ao hábito de compartilhar seringas, embora as campa-

nhas de conscientização tentem demonstrar a nocividade desta prática, os números apresentados pelo Projeto Brasil, que investiga os comportamentos de risco ligados aos usuários de drogas injetáveis são alarmantes. Segundo o estudo, a frequência de compartilhamento de seringas é de 56% na região centro oeste, 71% na cidade do Rio de Janeiro, e chega a 85% em Itajaí, Santa Catarina.

Com o aumento do consumo de drogas "mais fortes", com níveis de dependência maiores, como o "crack" e a heroína, encontramos usuários com maior risco de aquisição de DST por outras formas que não o compartilhar de seringas contaminadas. Sabe-se que a partir da necessidade de drogas, os usuários, quando sem dinheiro, fazem tudo que estiver ao seu alcance para obter recursos, inclusive vender seu próprio corpo. Estas pessoas se envolvem na prostituição sem maiores cuidados, normalmente sem o uso do preservativo e se tornam assim suscetíveis a adquirirem alguma DST. Outro fator importante vem do uso de drogas com "ami-

gos", que após o consumo de entorpecentes se entregam aos prazeres sexuais, muitas vezes em grupo, com diversos parceiros e mais uma vez sem cuidados com o uso de preservativos.

Entre os casos de AIDS notificados ao Ministério da Saúde, no período de 1980 a maio de 1997, 21,3% correspondem a usuários de drogas injetáveis. Se pudéssemos somar a estes os parceiros que adquiriram AIDS a partir de comportamentos de risco ligados ao uso de outras drogas – que não injetáveis – o número certamente seria bem maior.

Torna-se, então, imperioso para nós que lidamos com DST, a preocupação com a prevenção ao uso de drogas. Enquanto profissionais de educação e saúde, devemos alertar para os perigos que a droga causa, não apenas pelo seu uso direto, mas também através de condições que possam estar associadas, tais como promiscuidade e prostituição.

**ALTAMIRO VIANNA
E VILHENA DE CARVALHO**

Co-editor do Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis.